

A organização retórica de resenhas acadêmicas¹

Benedito Gomes Bezerra²

RESUMO

Descreve-se, no presente artigo, a organização retórica do gênero resenha. Analisa-se um corpus de 60 resenhas, sendo trinta produzidas por escritores especialistas e trinta por estudantes, na área de Teologia. Os resultados da análise mostram um padrão organizacional similar nos dois grupos, mas apontam para certas especificidades decorrentes dos respectivos propósitos comunicativos em cada instância de enunciação.

PALAVRAS-CHAVE

Gêneros textuais, organização retórica, resenha.

¹ O presente artigo sumaria a dissertação de mestrado do autor, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará em dezembro de 2001

² Mestre em Lingüística pela Universidade Federal do Ceará. Doutorando em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco. (beneditobezerra@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

A análise de gêneros textuais voltada para gêneros socialmente situados dentro da prática familiar, escolar, profissional ou acadêmica constitui um rompimento com a abordagem tradicional, que privilegia o estudo de gêneros da literatura ou da retórica clássica. O presente trabalho investiga um gênero textual socialmente representativo nos ambientes escolar e acadêmico: a resenha, considerada em duas de suas modalidades: a) como gênero produzido por estudantes, no cumprimento de tarefas escolares no contexto de um curso de graduação em Teologia (aqui denominadas resenhas de aluno – RA); e b) como gênero produzido por escritores proficientes, também na área de Teologia (aqui denominadas resenhas de especialistas – RE). Ambas as modalidades de resenha, aqui tomadas como objeto de estudo, são consideradas “acadêmicas”, por serem gêneros que encontram seu contexto retórico privilegiado no interior do ambiente acadêmico. As resenhas RA, por se configurarem como um instrumento de introdução ao diálogo acadêmico no processo de ensino e aprendizagem do referido curso de graduação, e as resenhas RE, por serem produzidas, em geral, por professores de seminários e faculdades teológicas e publicadas em periódicos dirigidos à comunidade acadêmica formada por professores e alunos de instituições de ensino teológico.

OS ESTUDOS SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS

Os atuais estudos de gêneros, ao mesmo tempo em que reconhecem as regularidades de forma e conteúdo tradicionalmente destacadas nos gêneros, acrescentam a idéia de que tais regularidades são, na verdade, “traços superficiais de um tipo diferente de regularidade subjacente”³ (FREEDMAN e MEDWAY, 1994b, p. 2).

³ A tradução das citações é de minha responsabilidade.

As regularidades nos gêneros textuais apontam para um contexto mais amplo, social e cultural, em que a linguagem é utilizada. A similaridade nos aspectos textuais é reflexo de uma ação social desenvolvida em “situações retóricas recorrentes” (MILLER, [1984] 1994a). A moderna reconceitualização dos gêneros textuais reporta-se freqüentemente a Mikhail Bakhtin, cujo ensaio “O problema dos gêneros do discurso” (BAKHTIN, [1953] 1997) tornou-se ponto de partida para boa parte da reflexão posterior sobre a questão.

OS ESTUDOS DE GÊNERO NO CONTEXTO NORTE-AMERICANO

Em artigo comumente referido como “seminal”, Carolyn Miller redefine a noção de gênero como uma entidade instável, que “se transforma, desenvolve-se e decai”, de forma que “o número de gêneros existente em uma sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade daquela sociedade” (MILLER, 1994a, p. 36). O gênero é encarado como ato social praticado dentro de um contexto retórico amplo, em situações recorrentes.

Em artigo posterior, Miller (1994b) reafirma a noção de gênero como ação social, localizando-o dentro de “comunidades retóricas” e utilizando a idéia bakhtiniana de forças centrípetas e centrífugas para definir as contradições inerentes à criação e utilização dos gêneros dentro dessa comunidade. Para manter continuidade, ordem social e sentido em sua estrutura, a comunidade retórica utiliza três recursos: (1) a metáfora; (2) a narrativa; e (3) o gênero. Para Miller, entretanto, apenas o gênero possui “força pragmática como ação social” (1994b, p. 75). Através dessa força pragmática, o gênero presta-se a ser utilizado por seus produtores no alcance de seus propósitos retóricos e pelas comunidades na reprodução, reconstrução e continuação de sua história.

Além de Miller, o nome de John Swales de tal forma se identifica com a tradição dos estudos norte-americanos de gênero que há quem fale de uma “tradição swalesiana” ou tradição “associada a Swales” (KAY e DUDLEY-EVANS, 1998). Swales (1990, p. 58) caracteriza gênero da seguinte forma:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos com um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da respectiva comunidade discursiva, constituindo, assim, o fundamento lógico para o gênero. Esse fundamento molda a estrutura esquemática do discurso, influenciando e restringindo as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado como um critério que opera para atingir o escopo de um gênero tal como aqui concebido, estritamente enfocado em ações retóricas comparáveis. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas as expectativas de probabilidade mais altas forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pelos membros da comunidade discursiva. Os nomes de gêneros herdados e produzidos pelas comunidades de discurso e importados por outras constituem valiosas comunicações etnográficas, mas tipicamente necessitam de validação posterior.

Os gêneros, portanto, além de apresentarem um propósito comunicativo específico, também são marcados por padrões de similaridade quanto à estrutura, ao estilo, ao conteúdo e à audiência pretendida. Uma vez preenchidas essas expectativas, a comunidade discursiva reconhecerá um dado exemplar de gênero em sua prototipicidade.

As *comunidades discursivas* são vistas pelo autor como “redes sócio-retóricas que se formam a fim de atuar em favor de um conjunto de objetivos comuns” (SWALES, 1990, p. 9). Essas comunidades caracterizam-se pela familiaridade com determinados gêneros, os quais são utilizados com propriedade por seus membros, em função de seus objetivos particulares. Desta forma, para o autor, “os gêneros são propriedades das comunidades discursivas; o que quer dizer que os

gêneros pertencem a comunidades discursivas, e não a indivíduos” (*idem*). Os gêneros estão situados no interior das comunidades discursivas e por elas são manipulados de acordo com os propósitos sócio-retóricos a que se prestam. Os indivíduos que integram as comunidades discursivas dominam e utilizam, por exemplo, convenções peculiares de gênero que são desconhecidas aos estranhos. O uso de tais convenções, deliberadamente excludentes de quem seja estranho ao grupo, marca a filiação dos membros particulares a uma dada comunidade discursiva.

Bhatia (1993), também situado na “tradição norte-americana”, reconhece a existência de relações de poder entre membros especializados e membros iniciantes de comunidades discursivas, refletidas no trato com as restrições impostas pelas convenções de cada gênero. Assim, a exploração tática dos gêneros para “efeitos especiais” demanda uma grande familiaridade com seu propósito, modo de construção e usos convencionais. O novato não possui tal familiaridade, motivo pelo qual “os escritores especializados de gêneros muitas vezes parecem ser mais criativos” (BHATIA, 1993, p. 15). Claramente, para Bhatia, o discurso acadêmico, bem como o profissional, não se dá entre iguais.

ANÁLISES DO GÊNERO RESENHA SEGUNDO O MODELO SWALES (1990)

A análise de gêneros pressupõe um certo nível de consistência, por parte de escritores proficientes, no modo como se organizam as informações nos gêneros particulares (BHATIA, 1993, p. 29). O exame da organização retórica de exemplares do gênero artigo de pesquisa levou Swales (1984, 1990) a postular um modelo descritivo constituído de *moves* (unidades maiores) e *steps* (subunidades dos *moves*). Tal modelo, denominado CARS por Swales (1990), tem sido aplicado, com adaptações, à análise de diferentes gêneros textuais, inclusive à resenha de livros. É o caso dos trabalhos de Motta-Roth (1995) e

Araújo (1996) – conferir Figura 1 – que são tomados como ponto de partida para a presente análise.

MODELO MOTTAROTH (1995)	MODELO ARAÚJO (1996)
MOVE 1 – INTRODUIR O LIVRO	MOVE 1 – ESTABELECE O CAMPO
Subfunção 1 – Definindo o tópico geral do livro	Estratégia 1 – Fazendo generalizações sobre o tópico
Subfunção 2 – Informando sobre leitores em potencial	Estratégia 2 – Alegando centralidade
Subfunção 3 – Informando sobre o autor	Estratégia 3 – Indicando a audiência pretendida
Subfunção 4 – Fazendo generalizações sobre o tópico	Estratégia 4 – Informando o leitor sobre a origem do livro
Subfunção 5 – Inserindo o livro na área	Estratégia 5 – Apresentando o objetivo do livro
MOVE 2 – SUMARIAR O LIVRO	Estratégia 6 – Referindo-se a publicações anteriores
Subfunção 6 – Provendo uma visão geral da organização do livro	MOVE 2 – SUMARIAR O CONTEÚDO
Subfunção 7 – Apresentando o tópico de cada capítulo	Estratégia 7 – Descrevendo a organização do livro
Subfunção 8 – Citando material extratextual	Estratégia 8 – Apresentando/discutindo o conteúdo do livro
MOVE 3 – DESTACAR PARTES DO LIVRO	Estratégia 9 – Avaliando o livro
Subfunção 9 – Provendo avaliação direcionada	Estratégia 10 – Apresentando sugestões para aperfeiçoamento
MOVE 4 – PROVER AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO	MOVE 3 – PROVER UMA AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO
Subfunção 10A – Recomendando / desqualificando o livro completamente	Estratégia 11 – Recomendando / desqualificando o livro
Subfunção 10B – Recomendando o livro apesar de indicar limitações	Estratégia 12 – Sugerindo futuras aplicações

Figura 1 - Modelos Motta-Roth (1995) e Araújo (1996)

METODOLOGIA EMPREGADA NESTA PESQUISA

Nesta pesquisa, a análise dos dados do *corpus* partiu dos modelos apresentados por Motta-Roth (1995, p. 141) e Araújo (1996, p. 61), simultaneamente testando-os e tratando-os como contraponto um do outro, de modo que a pesquisa pudesse revelar o que realmente ocorre na estruturação de uma resenha em português, na área disciplinar enfocada. Desta forma, verificamos, no *corpus*, pontos de maior conformidade com um ou outro modelo, ou divergências em relação a ambos. Um aspecto levado em conta é que os referidos modelos dizem respeito a textos em inglês, enquanto a presente investigação enfocou exclusivamente textos em português. Além disso, examinamos, nesta pesquisa, tanto resenhas de livros como resenhas de artigos. Devemos ressaltar, ainda, que os modelos anteriores, bem como o que apresentamos nesta pesquisa, não têm pretensões normativas ou prescritivas, antes, procuram refletir o resultado da análise dos respectivos dados.

No tratamento direto dos dados, após algumas experiências de análise preliminar, empreendemos um estudo de todo o *corpus*, primeiramente com base no modelo Motta-Roth (1995) e, numa etapa seguinte, com base no modelo proposto por Araújo (1996). Essa fase foi extremamente construtiva pela possibilidade de reforçar os pontos mais pertinentes de cada um dos modelos, considerando a existência de expressiva zona de interseção entre os dois modelos.

A partir das etapas anteriores, e considerando as regularidades de cada modelo, bem como suas peculiaridades, foi possível apresentar um padrão de organização retórica mais abrangente, até pelo fato de reunir as contribuições dos modelos anteriores. Esse quadro descritivo da organização do gênero, expresso na forma de um padrão específico para as resenhas de especialistas e de um padrão secundário para dar conta das peculiaridades das resenhas de alunos, preenche as lacunas deixadas pelos modelos anteriores, se tomados isoladamente, e ainda incorpora novos elementos revelados pelo exame dos dados. O padrão revelado pelos dados, aqui também apresentado como modelo referencial para futuras análises, foi construído no decorrer da pesquisa,

levando-se sempre em consideração, para sua estruturação, a análise inicial baseada na contribuição de Motta-Roth (1995) e Araújo (1996).

O corpus foi composto por 60 exemplares de resenhas acadêmicas. Metade dessas resenhas foram produzidas por escritores “especialistas”, tendo sido coletadas nos periódicos *Vox Scripturae*, publicado pela Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina (AETAL), e *Simpósio*, publicado pela Associação dos Seminários de Teologia Evangélica (ASTE), entidades de elevado conceito na comunidade acadêmica de confissão evangélica, no Brasil e na América Latina. As outras 30 resenhas foram produzidas por alunos e alunas do Seminário Teológico Batista do Ceará, em Fortaleza, em disciplinas da área de teologia, ministradas por este pesquisador. Nessas disciplinas, não se pretendia ensinar o estudante a produzir resenhas, antes, exigia-se dele/a essa tarefa como parte do processo de aprendizagem de matérias do curso. No ato de prescrição da tarefa, material didático próprio da instituição de ensino era fornecido aos alunos, com a finalidade de orientá-los quanto a forma, conteúdo e propósito da resenha.

É importante ressaltar que a orientação dada pela instituição aos estudantes não tem como fonte nenhum dos modelos de análise referidos ou descritos neste trabalho. Trata-se de orientação derivada de manuais de metodologia científica, sem nenhuma relação constatável com as pesquisas contemporâneas em análise de gêneros.

O PADRÃO DESCRITIVO DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DAS RESENHAS

Na tentativa de superar as limitações de cada um dos dois modelos de análise existentes, empreendemos a construção de uma proposta de organização retórica do gênero resenha que evidenciasse uma descrição mais abrangente e mais pertinente ao nosso objeto de pesquisa. Trata-se igualmente de uma descrição que emerge do trato com os dados, evitando o caráter prescritivo característico de manuais

de metodologia científica. As peculiaridades de cada tipo de resenha se evidenciaram de tal forma que podemos falar de um padrão principal para a descrição de resenhas de especialistas (padrão RE) e de um padrão secundário, menos complexo, para dar conta da organização retórica de resenhas de alunos (padrão RA). A menor complexidade organizacional das resenhas RA é aferida pelo fato de que o estudante, ao produzir uma resenha, lança mão de um número relativamente menor de subunidades de informação, embora utilize as mesmas unidades empregadas pelos especialistas. Algumas subunidades que compõem o leque de opções empregadas pelo escritor proficiente simplesmente são ignoradas pelo estudante.

Assim, a partir da análise de nosso *corpus*, encontramos uma organização retórica que remete a aspectos peculiares tanto do modelo Motta-Roth (1995) como do modelo Araújo (1996), e ao mesmo tempo corresponde à especificidade de nossa amostra, ou seja, o quadro descritivo que propomos abaixo reflete a realidade de resenhas acadêmicas escritas em língua portuguesa, por escritores proficientes e por estudantes de graduação em Teologia. Deve-se ressaltar ainda o detalhe de que a parte do corpus produzida por estudantes refere-se a resenhas de artigos e de capítulos ou partes de livros, prática acadêmica comum nas universidades.

Apresentamos, a seguir, o padrão revelado pelos dados para a descrição da organização retórica de resenhas de especialistas.

A organização retórica de resenhas de especialistas – padrão RE

Nos exemplares analisados, as informações se distribuem como mostra a Figura 2:

Unidade retórica 1	INTRODUZIR A OBRA
Subunidade 1	Definindo o tópico geral e/ou
Subunidade 2	Argumentando sobre a relevância da obra e/ou
Subunidade 3	Informando sobre o autor e/ou
Subunidade 4	Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
Subunidade 5	Informando sobre a origem da obra e/ou
Subunidade 6	Referindo-se a publicações anteriores
Unidade retórica 2	SUMARIAR A OBRA
Subunidade 7	Descrevendo a organização da obra e/ou
Subunidade 8	Apresentando/discutindo o conteúdo e/ou
Subunidade 9	Citando material extratextual
Unidade retórica 3	CRITICAR A OBRA
Subunidade 10	Avaliando positiva/negativamente e/ou
Subunidade 11	Apontando questões editoriais
Unidade retórica 4	CONCLUIR A ANÁLISE DA OBRA
Subunidade 12A	Recomendando a obra completamente ou
Subunidade 12 B	Recomendando a obra apesar de indicar limitações e/ou
Subunidade 13	Indicando leitores em potencial

Figura 2 – A organização retórica de resenhas de especialistas (padrão RE)

Delineamos, portanto, um modelo de distribuição das informações composto de quatro unidades de informação, denominadas “unidades retóricas” e realizadas por “subunidades retóricas” opcionais em sua maioria, podendo ocorrer em conjunto ou separadamente. A subunidade 12 apresenta duas possibilidades de ocorrência, referidas pelas letras A e B. O caráter opcional das diversas subunidades é indicado pela expressão “e/ou”. A terminologia que adotamos, devida aos trabalhos de Meurer (1997) e Biasi-Rodrigues (1998), é uma alternativa mais neutra em relação a outras terminologias que representam tentativas de tradução e adaptação dos termos originais

de Swales (1990), *move* e *step*, respectivamente. Assim, conforme Biasi-Rodrigues (1998, p. 130), “uma unidade retórica é reconhecida como uma unidade de conteúdo informacional dentro de uma estrutura hierárquica de distribuição de informações na arquitetura física do texto”, podendo ser realizada a partir das escolhas possíveis de um conjunto de subunidades, de acordo com os propósitos do autor.

As quatro unidades retóricas propostas correspondem aos *moves* que constituem o modelo Motta-Roth (1995). A divergência, nesse aspecto, em relação ao modelo Araújo (1996), diz respeito apenas ao desmembramento do *move* 2 dessa autora nas unidades retóricas 2 e 3, considerando, como ela própria admite (*op. cit.*, p. 85), que a estratégia 9 (Avaliando o livro) representa uma mudança significativa na atitude do resenhista, da descrição para a avaliação. Entendemos, portanto, como Motta-Roth (1995), que essa mudança de foco configura uma nova unidade retórica, e não a simples passagem de uma subunidade para outra.

Em sua maioria, as subunidades constantes do modelo descritivo das resenhas de especialistas são propostas a partir dos modelos já existentes e testados por esta pesquisa. A rigor, além de algumas reformulações na terminologia, com o objetivo de torná-la mais transparente, a novidade diz respeito apenas à subunidade 11 (Apontando questões editoriais), estratégia avaliativa bastante recorrente no corpus (33,3%). Afora isso, um detalhe bastante relevante é o deslocamento da subunidade relativa à indicação da audiência (subunidade 13 – Indicando leitores em potencial) para a unidade retórica final das resenhas. A análise mostrou que, em 62,5% das ocorrências dessa subunidade, ela se situa na unidade retórica 4, e não na primeira unidade de informação, como propõem os modelos anteriores. Em outros 16,6% dos casos, a subunidade ocorre em ambos os lugares, i. e., nas duas unidades de informação. Em apenas 20,8% dos casos a informação sobre os leitores situa-se espacialmente na unidade retórica 1. Parece bastante razoável que, ao recomendar a obra, na unidade de informação conclusiva, o escritor da resenha mencione *a quem* a obra é recomendada.

A organização retórica de resenhas de alunos – padrão RA

A organização retórica das resenhas RA (Figura 3, abaixo) caracteriza-se por uma estrutura menos complexa em relação à organização retórica das resenhas RE. Naturalmente, a descrição da organização retórica de RA em termos de uma estrutura “menos complexa” não implica nenhum juízo de valor sobre essas resenhas. As duas modalidades diferem essencialmente na utilização de um número menor de subunidades retóricas, por parte dos escritores de RAs, para a realização das quatro unidades retóricas possíveis. Trata-se de uma configuração mais simples, perfeitamente adaptada aos propósitos comunicativos específicos das resenhas de alunos. Para dar conta da descrição dessas resenhas, e para fins de uniformização, a terminologia referente a unidades e subunidades foi adaptada, em relação a Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), evitando-se falar em “livros”, para dar conta do fato de que as resenhas RA tratam não de livros, mas de artigos e capítulos de livros. Por essa razão, optou-se, já no padrão RE, pelo termo “obra” em lugar de “livro”.

Unidade retórica 1	INTRODUZIR A OBRA
Subunidade 1	Definindo o tópico geral e/ou
Subunidade 2	Argumentando sobre a relevância da obra e/ou
Subunidade 3	Informando sobre o autor e/ou
Subunidade 4	Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
Subunidade 5	Referindo-se a publicações anteriores
Unidade retórica 2	SUMARIAR A OBRA
Subunidade 6	Descrevendo a organização da obra e/ou
Subunidade 7	Apresentando/discutindo o conteúdo
Unidade retórica 3	CRITICAR A OBRA
Subunidade 8	Avaliando positiva/negativamente
Unidade retórica 4	CONCLUIR A ANÁLISE DA OBRA
Subunidade 9	Recomendando a leitura e/ou
Subunidade 10	Indicando leitores em potencial

Figura 3 – A organização retórica de resenhas de alunos (padrão RA)

Como se pode facilmente verificar na Figura 3, acima, a diferença entre os padrões RE e RA consiste, concretamente, na ausência, em RA, das subunidades “Informando sobre a origem do livro”, na unidade retórica 1, “Citando material extratextual”, na unidade retórica 2, “Apontando questões editoriais”, na unidade retórica 3, e “Recomendando o livro apesar de indicar limitações”, na unidade retórica 4.

DESCRIÇÃO DAS UNIDADES RETÓRICAS

No padrão que encontramos na análise do corpus, as quatro unidades retóricas são realizadas de diversas formas e com frequência variável dentro de cada modalidade de resenhas. Em ambos os casos, as unidades retóricas apresentam extensão variável, podendo limitar-se a apenas um ou estender-se por dois ou mais parágrafos. Normalmente, as unidades retóricas 2 e 3, mais argumentativas, ocupam maior espaço no corpo da resenha, exigindo um maior esforço retórico por parte do escritor. Tal observação sobre o tamanho dos *moves* já havia sido feita tanto por Motta-Roth (1995, p. 131) como por Araújo (1996, p. 55). A própria ordem de ocorrência das unidades retóricas é bastante flexível. A ordem proposta representa, no entanto, o padrão dominante no corpus, assim como aponta para os resultados já obtidos pelas pesquisas anteriores.

As resenhas RA, embora apresentem as mesmas unidades retóricas que o grupo RE, utilizam com maior frequência apenas as duas primeiras. A unidade retórica mais típica das resenhas RA é Un2 (Sumariar a obra), com 100% de ocorrências no corpus. Em RE, a ocorrência de Un2 atinge o percentual de 96,6%, estando ausente em apenas um dos exemplares do corpus. No grupo RA, a unidade conclusiva, Un4 (Concluir a análise da obra), apresenta o mais baixo índice de ocorrências, sendo localizada em apenas 13 exemplares do corpus, o que representa um percentual de 43,3%. Portanto, embora os dois grupos de produtores de textos operem com o mesmo leque de

unidades retóricas a sua disposição, eles as utilizam diferentemente, quanto ao modo e a frequência. Para um maior detalhamento dos resultados, descrevemos, a seguir, cada uma das unidades e as subunidades mais recorrentes.

Unidade Retórica 1 – Introduzir a obra

A Un1 é o espaço em que o escritor da resenha chama a atenção do leitor para diversos aspectos relacionados com o livro, artigo ou capítulo de livro, aspectos esses que nem sempre podem ser abstraídos da própria obra. Trata-se de uma unidade retórica bastante característica em resenhas, com uma frequência de 96,6% em RE e 80% em RA. As informações introdutórias sobre o autor, a nova obra, ou obras anteriores, bem como as considerações gerais sobre o tópico da obra e sua importância para o público a que se destina, representam a ocasião propícia para o resenhista mostrar que sabe “quem é quem” e, desta forma, construir seu próprio espaço dentro do ambiente acadêmico. Neste aspecto, o estudante, diante da tarefa de produzir a Un1 de uma resenha, geralmente pode contar apenas com as informações introdutórias veiculadas na própria publicação, na capa, contracapa e orelhas, ou nos gêneros introdutórios, tais como prefácios, introduções e apresentações. Esse fato certamente implicará em diferentes preferências pelas subunidades retóricas que compõem Un1, por parte de especialistas e estudantes. Em ambas as modalidades de resenhas, todavia, Un1 cumpre a função retórica de “criar o contexto para o leitor acompanhar o resenhista” (Araújo, 1996, p. 57) no restante de sua análise, através das unidades de informação subseqüentes.

Unidade Retórica 2 – Sumariar o livro

A Un2 é a unidade de informação mais típica em ambas as modalidades de resenhas, como afirmamos acima. O papel central dessa unidade retórica é descrever a organização e o conteúdo do livro, artigo ou capítulo de livro. Embora o foco principal seja descritivo,

freqüentemente essa unidade antecipa já uma postura avaliativa por parte do resenhista. Mesmo que a resenha concentre a avaliação da obra nas unidades de informação subseqüentes, o juízo do resenhista, positivo ou negativo, já se encontra diluído em meio à descrição e apresentação do conteúdo. Ao apresentar o conteúdo da obra, o resenhista ainda pode, no caso das resenhas RE, indicar a presença e o valor de material “extratextual” (Motta-Roth, 1995) como bibliografias, gráficos, tabelas, índices ou figuras.

Unidade Retórica 3 – Criticar a obra

Nesta unidade retórica, o resenhista empreende um grande esforço direcionado para a avaliação positiva ou negativa da obra. Neste ponto, é nítido o aspecto das escolhas lexicais, o que Motta-Roth (1995) denominou de “termos de elogio e crítica”. A avaliação da obra inclui tanto os aspectos gerais, a vista do todo, como destaques de pontos que ao resenhista parecem mais relevantes na nova publicação. Adicionalmente, as resenhas RE podem incluir a crítica ou o elogio de questões que em si não dependem do autor da obra. São questões de editoração do livro ou artigo. Incluem-se aí falhas gráficas, problemas de tradução, comparação entre texto original e versão em português, erros formais e referências elogiosas à editora por publicar a obra. Esse tipo de informação não se confirmou em RA, portanto não integra o padrão delineado para essa modalidade de resenhas.

Tratando-se de uma unidade de informação altamente especializada e constitutiva da identidade e peculiaridade do gênero resenha, Un3 pode revelar o maior ou menor grau de consciência que os escritores detêm sobre o gênero que estão produzindo. A propósito disso, as duas modalidades de resenhas apresentam números significativamente diferentes nesse aspecto: 27 ocorrências (90%) em RE e 18 (60%) em RA.

Unidade Retórica 4 – Concluir a análise da obra

Unidade de informação também altamente especializada, Un4 representa o ponto de maior distanciamento entre resenhas RE e RA. Essa unidade ocorre 29 vezes (96,6%) em resenhas produzidas por escritores proficientes e apenas 13 vezes (43,3%) em resenhas de alunos. O fechamento da resenha em termos de “recomendação” choca-se, no caso de RA, com o propósito comunicativo que motivou a produção do texto. O estudante sabe que sua resenha, via de regra, não será publicada, o que torna a recomendação uma prática vazia de sentido. Por outro lado, a resenha do aluno representa, muitas vezes, o resultado de uma leitura exploratória, talvez a primeira naquele campo. Ele, ou ela, precisa mostrar ao professor ou professora que entendeu o texto. O contrato professor-aluno, pelo menos no caso do *corpus* sobre o qual se apóia a presente pesquisa, não inclui o propósito de recomendar a leitura para uma dada audiência. Dessa forma, as resenhas RA, ao incluírem essa unidade de informação, operam sobre ela uma adaptação ao seu próprio propósito comunicativo. Estreitamente associada à estratégia de recomendação da obra, a indicação de possíveis leitores segue-se como um corolário natural dentro da unidade. Em alguns casos disposta espacialmente na abertura do texto, essa estratégia encontra sua realização mais fluente e natural em associação com o movimento retórico de recomendação da obra.

Através da análise, confirmamos ainda as conclusões de Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), com respeito à presença de unidades de informação com conteúdo avaliativo. Entende-se que a avaliação, mais que a descrição, é o traço característico, definidor da identidade das resenhas como um gênero acadêmico específico. Um texto apenas descritivo fugiria ao aspecto prototípico (SWALES, 1990) de uma resenha. Assim, nenhuma resenha do *corpus*, nas duas modalidades, deixa de conter uma unidade retórica veiculadora de conteúdo avaliativo. Os estudantes, ao produzirem seus textos, tentam cumprir essa função avaliativa, em boa parte, enquanto apresentam o conteúdo da obra, em Un2. É um detalhe muito significativo o fato de que essa unidade retórica jamais falta em uma resenha RA. No caso dos especialistas, apenas um exemplar do *corpus* deixa de apresentar Un2. Neste único caso, a descrição é preterida em favor da avaliação.

Em seguida, descrevemos as características das subunidades retóricas mais recorrentes no padrão encontrado. Essa descrição leva em conta, como temos mencionado, a composição do quadro descritivo como padrão resultante da análise e pertinente, por consequência, à realidade dos dados com que operamos. Isso significa a renúncia a qualquer pretensão prescritivista tanto *a priori*, o que condicionaria nossos resultados, como *a posteriori*, o que indicaria uma absolutização de resultados que são, claramente, passíveis de questionamentos no trato com dados oriundos de outras tradições disciplinares.

SUBUNIDADES RETÓRICAS MAIS RECORRENTES

Como explicamos anteriormente, as quatro unidades retóricas que compõem a estrutura de uma resenha têm seus propósitos ou funções realizados através de diferentes subunidades. Esses “atos retóricos” (ARAÚJO, 1996, p. 60) são combinados de diferentes maneiras pelos resenhistas, de modo que se nota uma grande variação no emprego das subunidades que integram a estrutura organizacional do gênero, no que diz respeito à frequência e à ordem. Nenhuma resenha utiliza todas as subunidades possíveis nem as combina da mesma forma, na mesma ordem. Para fins de referência, usaremos, na discussão a seguir, a numeração das subunidades correspondentes ao padrão RE.

Subunidade 1 – Definindo o tópico geral

A subunidade 1 (Sub1) é amplamente utilizada nas resenhas RE, ocorrendo em 18 dos 30 exemplares que formam o corpus (60%). No grupo RA, a Sub1 aparece em 15 exemplares, o que significa uma frequência de 50%. Espacialmente, ocorre tipicamente no parágrafo inicial. Sua função é estabelecer para o leitor o assunto abordado pela nova publicação, ou a abordagem teórica adotada pelo autor para

tratar do tema. O resenhista pode definir o tópico geral do livro através de diferentes estratégias. Uma dessas estratégias de apresentação é citar o título da obra em itálicos, acompanhado de uma afirmação a respeito do tópico tratado, como em (1):

(1) [RE1] Surpreendido pelo poder do Espírito surpreende desde o princípio. A capa coloca em desnecessário confronto o *Seminário Teológico de Dallas* e a idéia de que Deus continua a falar e a curar nos dias de hoje.

Subunidade 2 – Argumentando sobre a relevância da obra

Esta subunidade corresponde ao *step* que Swales (1990) rotulou, em seu modelo CARS, como “alegando centralidade”. Essa terminologia foi adotada por Araújo (1996) tal como proposta por aquele autor. Conforme Swales (*op. cit.*), podemos afirmar que “alegações de centralidade” são “apelos à comunidade discursiva” (p. 144) para que seus membros aceitem a nova publicação como uma contribuição significativa dentro da área disciplinar. Embora seja esse o sentido de Sub2, evitamos a hermeticidade do termo, apresentando-a como *argumentação* sobre a importância da obra.

As modalidades RE e RA apresentam frequências de uso bem díspares no que diz respeito à Sub2. Enquanto os escritores proficientes utilizam a subunidade em 60% dos casos (18 exemplares), os estudantes a empregam apenas 5 vezes (16,6%). Esse aspecto “promocional” (BHATIA, 1997) do gênero, que consiste em ressaltar sua importância na área disciplinar, parece pouco relevante para o aluno. Embora o material de orientação para a produção de resenhas, fornecido pela instituição de ensino, estabeleça que o aluno deve tratar da “qualidade da contribuição”, a consciência, talvez apenas intuitiva, que o estudante tem acerca do gênero o leva em outra direção. O aluno sabe que deve mostrar compreensão e capacidade de avaliação do texto; por outro lado, sabe que não está escrevendo para um público a quem deva convencer da importância da obra. Mesmo assim, encontramos uma ocorrência, nas resenhas de alunos, que se aproxima bastante da prática dos escritores especialistas:

(2) [RA1] O artigo é de 1949, pouco tempo depois da criação do Estado de Israel, pela ONU, e o teólogo junta a sua às *reflexões* múltiplas e *obras de vulto* que surgem naquele momento histórico.

Note-se, no plano referencial, a recategorização do termo “artigo”, rotulado de “reflexão” e “obra de vulto”, expressões marcadoras de atitude avaliativa, não-neutra. A aluna quer ressaltar a contribuição do artigo “naquele momento histórico”.

Subunidade 3 – Informando sobre o autor

As informações sobre o autor contribuem para estabelecer as credenciais (BHATIA, 1993) para a aceitação da nova publicação. Aparentemente, as resenhas RA evidenciam, neste aspecto, uma maior consciência do gênero por parte dos estudantes, que empregam a Sub3 em 17 textos (56,6%). Os especialistas utilizam a mesma subunidade em apenas 12 exemplares do corpus (40%). A orientação normativa de que dispõem os alunos parece ser determinante neste caso, ao estabelecer como um dos primeiros passos em uma resenha a informação sobre o autor: “quem é ele, sua formação, outros livros publicados etc.”. As ocorrências dessa subunidade, entretanto, evidenciam uma transposição mais ou menos mecânica da informação disposta nas seções introdutórias dos livros ou em sua capa, contracapa ou orelhas, para o corpo da resenha. Os exemplos se diferenciam pela elaboração pessoal, por parte do aluno, da informação incorporada ao texto. Assim, o exemplo 3 segue uma linha “atitudinalmente neutra” (FRANCIS, 1994) de apresentação das informações:

(3) [RA15] Karl Barth, nascido em 1886 na cidade de Basiléia, Suíça, estudou Teologia e Filosofia em Berna, Berlim, Tübingen e Marburgo. Além do pai docente de História Eclesiástica, teve por professores Adolf Schlatter, Adolf Harnack, Wilhelm Hermann e os “neokantianos” Hermann Cohen e Paul Natorp. Foi pároco de 1909 a 1921...

Entre as subunidades que realizam a unidade retórica 2, caracterizada basicamente pela ênfase descritiva, destaca-se a subunidade 8 (Apresentando/discutindo o conteúdo), equivalente à subunidade 7 em RA. Como as demais unidades retóricas, Un2 pode ser realizada por uma ou mais de uma das subunidades que a compõem. A unidade diferencia-se, em RE e RA, pela presença da Sub9 (Citando material extratextual) no primeiro padrão e por sua ausência no segundo.

Subunidade 8 – Apresentando/discutindo o conteúdo

Após descrever a organização da obra, o resenhista naturalmente passa à apresentação e/ou discussão do conteúdo das partes, seções ou capítulos anunciados. Bem mais freqüente que a Sub7, a subunidade retórica 8 (Sub8, em RA) é praticamente obrigatória em ambas as modalidades de resenhas. Assim, a Sub8 ocorre em 100% dos casos em RA e em 90% em RE. Predominantemente descritiva, é empregada para resumir brevemente o conteúdo principal da obra, de modo que costuma ser a subunidade mais longa em uma resenha, podendo estender-se por alguns parágrafos. Embora pretenda principalmente apresentar o conteúdo da obra, freqüentemente revela a atitude avaliativa do resenhista. As resenhas de estudantes, especialmente, podem carregar todo o esforço avaliativo já nessa subunidade, chegando a dispensar as unidades e subunidades destinadas à avaliação.

A Sub8 pode ser tipicamente introduzida através de itens lexicais como “capítulo”, “seção” ou “parte”. Para realizá-la, o resenhista pode também utilizar termos designativos de certas seções do livro, como “o fechamento do livro”, referindo-se à conclusão, em combinação com termos mais comuns, como no caso abaixo:

(4) [RE30] O primeiro capítulo desenvolve a questão do dilema atual... Isso é feito de maneira muito atraente, pois o autor utiliza quase que uma caricatura dos tipos de defensores das opiniões que aprofundam o dilema em questão (identidade-relevância)... Já procurando indicar

caminhos diante do dilema proposto, o autor, no segundo capítulo, passa a focar a especificidade confessional das igrejas reformadas... Nos capítulos 3 e 4 encontramos duas questões fundamentais sobre Deus na perspectiva reformada: a Trindade e a Soberania... No quinto capítulo entra em cena o atual mundo religioso pluralista e os desafios para um relacionamento não preconceituoso... O fechamento do livro não poderia ser melhor: temos um magnífico capítulo sobre espiritualidade.

Expressões como “de maneira muito atraente”, “duas questões fundamentais” e “um magnífico capítulo” revelam a ênfase avaliativa do texto. Embora haja seções da resenha especificamente dedicadas à avaliação, Sub8 também se apresenta como uma subunidade propícia para esse tipo de estratégia do resenhista.

A unidade retórica 3 concentra o esforço retórico que faz com que uma resenha seja o que é. Sua função central é avaliar a obra. A crítica a que faz referência o título proposto para Un3 consiste essencialmente na avaliação positiva e/ou negativa da nova publicação. No padrão RE, essa unidade de informação inclui, além da avaliação da obra, um outro procedimento que contribui para a construção de um juízo global sobre a nova publicação. Trata-se de apontar questões relacionadas como a editoração e publicação da obra. A crítica, nesses termos, não se dirige propriamente à obra como tal, mas à obra como produto editorial. Não é o autor da obra o responsabilizado por eventuais falhas ou limitações, mas o editor. Uma vez que tal procedimento não se verifica em RA, temos aí mais um fator de diferenciação entre as duas modalidades de resenhas e os modelos resultantes de sua análise.

Subunidade Retórica 10 – Avaliando positiva/negativamente

Ausente em apenas dois exemplares do grupo RE, essa subunidade apresenta uma frequência de 93,3%, o que a caracteriza como praticamente obrigatória em uma resenha acadêmica especializada. Sub10 (Sub8, em RA) é empregada em 18 exemplares

de resenhas produzidas por estudantes, atingindo uma frequência de 60%.

Através de Sub10, o resenhista passa definitivamente da descrição para a avaliação. A mudança, bem marcada em relação às unidades anteriores da resenhas, é tão significativa que caracteriza a entrada em uma nova unidade de informação. Ao avaliar a obra, o escritor pode enfocá-la globalmente ou destacar uma de suas partes. No caso abaixo, a avaliação incide sobre o todo da obra.

(5) [RE15] Há pelo menos duas coisas que tornaram a leitura desse comentário importante e interessante para mim. Por um lado, o autor não foge de questões polêmicas, tanto com relação ao conteúdo como também com relação a questões históricas, relacionadas a datas e locais. Em outras palavras, este trabalho está baseado numa boa e profunda pesquisa, abordando, de forma compreensível e honesta todas as questões relacionadas a autoria, motivos e propósitos, e a local de redação, registrando, inclusive, argumentos que possam contradizer as suas afirmações. Por outro lado, não é apenas um livro técnico, que com suprema erudição e sofisticação apresenta os seus dados para estudiosos somente.

Note-se, nas expressões que destacamos em negrito, a rotulação prospectiva, “atitudinalmente neutra” (FRANCIS, 1994), anunciando o conteúdo da avaliação como “duas *coisas*”. O procedimento permite a predição de como o texto se organizará em seguida, o que se realiza pelo emprego das expressões “por um lado” e “por outro lado”. Entretanto, apesar da rotulação aparentemente neutra, expressões (também em destaque) como “importante e interessante” e “este trabalho está baseado numa boa e profunda pesquisa, abordando, de forma compreensível e honesta...” evidenciam a ênfase avaliativa da subunidade retórica.

Subunidade Retórica 11 – Apontando questões editoriais

Inexistente nos modelos de análise anteriormente propostos, Sub11 parece configurar-se como um aspecto distintivo das resenhas

do *corpus* sob investigação. Se, por outro lado, o “ato retórico” (ARAÚJO, 1996) de indicar limitações de cunho editorial existe nas resenhas investigadas anteriormente, sua presença ou não foi detectada ou foi simplesmente desconsiderada. No entanto, a considerável incidência dessa subunidade no grupo RE (ocorre em 10 exemplares, i. e., em 33,3% do total), e somente nele, exige uma investigação mais cuidadosa e requer a inclusão dessa opção retórica no modelo de análise proposto (RE).

Entre os “termos de elogio” (MOTTA-ROTH, 1995) que compõem essa subunidade, verificamos referências elogiosas à editora (exemplo 6), um comentário sobre a apresentação da obra por um autor de prestígio (exemplo 7), elogio à qualidade da tradução (exemplo 8) e elogios ao “trabalho editorial” que resultou em economia de espaço na edição da obra em português (exemplo 9):

(6) [RE22] A editora está de parabéns pela publicação de uma obra como essa, especialmente por se tratar de uma obra que representa o fundamento de boa parte do pensamento protestante.

(7) [RE30] Esta edição brasileira recebeu, além de um tratamento gráfico diferenciado, uma enriquecedora apresentação feita pelo Dr. Antônio Gouvêa Mendonça.

(8) [RE10] Acertou a Editora Fiel em publicar uma versão encurtada do livro, deixando de lado alguns capítulos mais apropriados ao contexto norte-americano. O livro foi bem traduzido (embora o tradutor não seja mencionado) e a qualidade editorial é boa.

(9) [RE26] O trabalho da Editora Sinodal foi muito bem feito. A editora merece ser parabenizada pela escolha da obra e pelo excelente trabalho editorial, incluindo a grande economia de espaço inexistente na edição americana. Com exceção de algumas particularidades inusitadas (meias-vogais em vez de semivogais, bissilábica em vez de dissilábica), a tradução é muito boa.

As críticas, por sua vez, abordam questões gerais que incluem desde erros formais a problemas de catalogação, como mostram os exemplos seguintes:

(10) [RE1] *Surpreendido* traz pequenas marcas de “pressa” editorial. Erros de concordância (singular x plural, p. 28), gênero [sic] (haja vista o crescimento..., p. 206), de composição (paulo, p. 71) e de transliteração (*xarisma*, p. 69-70) devem ser corrigidos para aperfeiçoar a sua segunda edição.

(11) [RE29] Uns poucos erros de revisão foram encontrados: “status questions”, que deve ser “status questionis” (p.83); BARRET, que deve ser BARRETT (p. 228, 295, 381). A ficha de “catalogação na publicação” fornece o número 22.8 da CDU (Classificação Decimal Universal). O número 225.06 não seria melhor?

A última unidade provê uma avaliação final e global da obra, apresentada no parágrafo conclusivo da resenha, como o posicionamento definitivo do resenhista. Essa avaliação final assume a forma de recomendação ou desaprovação da obra, parcial ou totalmente. No entanto, a presente pesquisa não verificou nenhum caso de desaprovação total da obra. A presença de uma subunidade para a indicação da audiência localizada na unidade retórica conclusiva, e não na unidade inicial, como nos modelos anteriores, justifica-se pelos resultados da análise do corpus, como indicaremos adiante.

Nesta unidade conclusiva, o padrão RE diferencia-se de RA pela ausência, neste último, de Sub12B (Recomendando o livro apesar de indicar limitações). A análise mostrou que os casos de recomendação existentes em RA não contêm nenhum tipo de restrição. Ao formularem críticas à obra resenhada, os estudantes o fazem na forma de avaliação positiva ou negativa, nas unidades anteriores.

Subunidade Retórica 12A - Recomendando a obra completamente

Sub12 encontra-se, no corpus, em duas possíveis variedades. A primeira dessas variedades, indicada pela letra A, designa a recomendação irrestrita da nova publicação. A variedade B indicará,

por sua vez, a recomendação com restrições. Sub12A, tomada à parte de Sub12B, já apresenta frequência maior que sua equivalente em RA, (Sub9 – “Recomendando a obra”). Sub12A encontra-se em 12 exemplares de resenhas de especialistas (40%). Sua equivalente em RA ocorre em 10 exemplares, perfazendo 33,3% do total.

A recomendação mais típica utiliza itens lexicais como “recomendar”, “recomendável” ou “oportuna”, como no exemplo 12. Note-se, ainda, a associação entre o ato de recomendar e a indicação de para quem se recomenda.

(12) [RA1] O artigo de Barth, meio século passado, tem uma atualidade que salta aos olhos de quem o lê. Trata-se de leitura oportuna para quem pretende entender essas tensões e conflitos existentes nas relações judeus/cristãos em toda parte, em todos os tempos.

Subunidade Retórica 12B - Recomendando a obra apesar de indicar limitações

A segunda variedade de Sub12 é mais freqüente no corpus, sendo encontrada em 14 exemplares, o que equivale a 46,6% do total. Em Sub12B, restrições apontadas no corpo da resenha são objeto de um balanço final, construindo-se uma “relação combinatória de contraste” (HOEY, 1983) com uma avaliação positiva no encerramento do texto, conforme observou Araújo (1996, p. 96). Assim, o parágrafo final encerra o texto com um enunciado que se coloca adversativamente em relação a comentários negativos dispostos no corpo da resenha.

Às vezes, a avaliação final assume um tom bastante reticente, tendo em vista as limitações apontadas. A expressão “de um jeito ou de outro”, no exemplo seguinte, indica essa atitude crítica:

(13) [RE28] De um jeito ou de outro, a profundidade de sua reflexão faz jus, sem dúvida alguma, ao tempo de transição que vivemos e, diga-se de passagem, interpretar teologicamente a nossa época não é tarefa fácil. Apenas essa façanha já recomendaria, por si só, a leitura do livro em apreço.

A classificação de Sub12 na variedade B, por outro lado, nem sempre é clara no parágrafo conclusivo. Em muitos casos, as limitações são apontadas no corpo da resenha, em unidades retóricas anteriores. Se julgássemos apenas pelo parágrafo conclusivo, em que se situa Sub12B, nada poderíamos dizer sobre restrições. O exemplo 14 mostra claramente esse fato:

(14) [RE10] [Sub8] No capítulo 5 (p. 95-96), a argumentação contra a profecia feminina com base na teoria de Wayne Grudem de que a profecia no Novo Testamento era inferior à do Antigo Testamento, podendo até conter certa medida de adivinhação e erro, foi o ponto baixo do livro... [Sub10] A única coisa a lamentar neste livro é que nenhum dos ensaios tenha sido escrito por uma mulher... [Sub12B] *Homem e Mulher* deverá ser livro-texto de escolas preocupadas em deixar que a Bíblia julgue a cultura, e não o contrário. Recomendo esta leitura a todos que desejem definir sua filosofia de ministério da mulher de maneira equilibrada, realista e honesta para com a revelação divina.

Subunidade 13 – Indicando leitores em potencial

Como afirmamos anteriormente, nossa análise mostrou que, em 79,2% de suas ocorrências no padrão RE, a Sub13 localiza-se em Un4, e não em Un1, como propõem Motta-Roth (1995) e Araújo (1996). Trata-se de uma subunidade bastante típica, com uma frequência de 80% no grupo RE (encontra-se em 24 exemplares). No grupo RA, são registradas 9 ocorrências (30%). Dessas 9 ocorrências, 6 trazem a Sub13 (na verdade, Sub10, em RA) localizada em Un4 e 2 a situam espacialmente em Un1. A nona ocorrência registra a subunidade, atipicamente, em Un2. Portanto, em 66,6% das ocorrências de Sub13 em RA, a subunidade localiza-se na unidade retórica conclusiva.

Em Un4, a Sub13 encontra seu lugar natural, aparecendo muitas vezes em associação com Sub12, subunidade destinada à recomendação da nova publicação. Tal associação é visível no exemplo abaixo:

(15) [RE1] Tradicionais precisam ler esse livro para entender a nova abordagem carismática aos fenômenos de seu movimento. Carismáticos da segunda e da terceira onda devem lê-lo para perceber que é possível argumentar sua crença pneumatológica. *Surpreendido* é leitura obrigatória, mesmo para os que, como eu, se mantêm céticos quanto às pressuposições e conclusões de seu autor.

CONCLUSÕES

O padrão retórico que resultou da análise dos dados registra a estrutura predominante na distribuição das informações em resenhas de ambas as modalidades enfocadas nesta pesquisa. No entanto, como freqüentemente reiteramos, não podemos falar de *modelo* de análise em termos normativos ou prescritivos. A produção do gênero resenha admite considerável flexibilidade e maleabilidade, confirmando as características atribuídas por Bakhtin (1997) aos gêneros textuais em geral. A flexibilidade na construção do gênero se reflete na grande variedade de escolhas que os escritores fazem no que diz respeito à disposição de unidades e subunidades retóricas.

Os padrões RE e RA, resultantes da análise dos dados, apontam para uma abordagem diferente ao gênero resenha, por parte de diferentes praticantes do gênero. As resenhas de especialistas caracterizam-se por uma estrutura mais complexa, evidenciada por um maior número de subunidades retóricas empregadas em sua produção. As resenhas de alunos, com uma organização retórica mais simples, apresentam um número menor de subunidades para realizar cada unidade retórica maior. O aspecto em que as duas modalidades de resenhas mais se afastam, relacionado com o procedimento de avaliação final em forma de recomendação, evidencia igualmente o

afastamento relativo aos diferentes propósitos comunicativos das resenhas de alunos e de especialistas.

As diferenças verificadas entre as duas modalidades de resenhas, embora bastante significativas, não implicam a existência de dois gêneros textuais diferentes nem significa que as resenhas de estudantes não sejam um gênero. E, mais importante, a maior complexidade das resenhas RE não indicam uma relação hierarquizada, i. e., não afirmamos que as resenhas RA são inferiores às resenhas RE. Os resultados obtidos por esta pesquisa mostram que as realizações concretas do gênero resenha variam em torno de uma prototipicidade (SWALES, 1990), a nosso ver, mais ideal que real. As modalidades que estudamos aqui, na verdade, não esgotam todas as possibilidades de realização concreta do gênero. Outras variedades, como as “resenhas fornecidas pela editora”, possivelmente não revelariam o mesmo padrão de organização e distribuição das informações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. D. **Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews**. 1996. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. London: Longman, 1993.

_____. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, v. 75, n. 3, p. 629-652, 1997.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. (ed.) **Advances in written text analysis**. London: Routledge, 1994. p. 83-101.

FREEDMAN, A., MEDWAY, P. Locating genre studies: antecedents and prospects. In: _____. (org.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994a. p. 1-20.

_____. New views of genre and their implications for education. In: _____. (org.). **Learning and teaching genre**. Portsmouth, NH: Heinemann, 1994b. p. 1-21.

HOEY, M. **On the surface of discourse**. London: George Allen & Unwin, 1983.

JOHNS, A. M. Issues in ESP for the 90's. In: **The RELC Conference**, 1993, Singapore. mimeo.

KAY, H., DUDLEY-EVANS, T. Genre: what teachers think. **ELT Journal**, v. 52, n. 4, Oxford, out. 1998, p. 308-314.

MEURER, J. L. Introdução a artigos acadêmicos de pesquisadores brasileiros: aspectos da sua textualização. In: CELSUL, 1, 1997. **Anais...** v. 2, p. 758-68.

MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN, A., MEDWAY, P.(org.) **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994a. p. 23-42.

_____. Rhetorical community: the cultural basis of genre. In: FREEDMAN, A., MEDWAY, P.(org.) **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994b. p. 67-78.

MOTTA-ROTH, D. **Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics**. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Termos de elogio e crítica em resenhas acadêmicas em lingüística, química e economia. **Intercâmbio**, n. 6, 1997.
Disponível em: <<http://www.intercambio.f2s.com/06index.htm>>
Acesso em: 20 jun. 2000.

SWALES, J. Research into the structure of introductions to journal articles and its application to the teaching of academic writing. In: WILLIAMS, R., SWALES, J., KIRKMAN, J. (ed.) **Common ground: shared interests in ESP and communication studies**. Oxford: Pergamon Press, 1984. p. 77-86.

_____. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Genre and engagement. **Revue Belge de Philologie et D'Histoire**, v. 71, p. 687-698, 1993.

TITLE: The rhetorical organization of academic reviews

AUTHOR: Benedito Gomes Bezerra

ABSTRACT:

This work describes the organization of book reviews. It analyzes a corpus of 60 book reviews, thirty produced by specialist writers and thirty by students, in the field of Theology. The analysis shows a similar organizational pattern in both groups, but it also shows certain specificities resulting from the communicative purposes of each group of reviewers.

Keywords: Book reviews, genre, rethorical organization.

TITRE: L'organisation rhétorique des compte rendus académiques

AUTEUR: Benedito Gomes Bezerra

RESUME:

Ce travail décrit l'organisation rhétorique du genre "compte rendu" (de livres). On analyse un corpus de 60 compte rendus, dont trente ont été produits par des spécialistes et trente par des étudiants, dans le champ de la Théologie. L'analyse montre un modèle d'organisation semblable dans les deux groupes, mais il montre aussi certaines spécificités découlant des propos communicatifs à chaque instance d'énonciation.

Mots-Clés: Genres de texte, organisation rhétorique, compte rendu.

TITULO: La organización retórica de revisiones académicas

AUTOR: Benedito Gomes Bezerra

RESUMEN:

Este trabajo describe la organización de reseña de libros. Analiza un cuerpo de 60 reseñas de libros, treinta producidos por escritores especialistas y treinta por estudiantes, en el campo de Teología. El análisis muestra un modelo orgánico similar en los dos grupos, pero también muestra ciertas especificidades que son el resultado de los propósitos comunicativos de cada grupo de críticos.

Palabras-Clave: Reseña de libros, género, organización retórica.